



## OS LIMITES HISTÓRICOS DA TEORIA FREUDIANA DO COMPLEXO DE ÉDIPO APONTADOS POR MARK POSTER, NA *TEORIA CRÍTICA DA FAMÍLIA*



Neuci Leme de Camargo

Mestre em Psicologia pelo programa de pós-graduação área de concentração Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista- UNESP- Assis/SP, docente responsável pelas disciplinas de Psicologia Geral e Psicologia da Educação do curso de Pedagogia da FAEF, Associação Cultural e Educacional de Garça - ACEG, Garça, SP e docente responsável pelas disciplinas de Psicologia da Educação e Psicologia da Aprendizagem do Instituto de Ensino Superior de Tupã- ISET, Tupã- SP.

### RESUMO

A noção do complexo de Édipo formulada por Sigmund Freud tem sido considerada por vários campos do conhecimento (Psicologia, Antropologia, História, entre outros) como uma referência importante para refletir sobre o papel da família na formação psíquica do indivíduo. Nas últimas décadas essa noção vem sendo questionada sob vários aspectos, entre os quais destaca-se a crítica ao fato de que Freud a formulou pensando numa estrutura familiar tipicamente burguesa caracterizada pelo que se conhece como família nuclear constituída de pai, mãe e filho. Um dos seus críticos é o historiador norte-americano Mark Poster, que defende a tese da não universalidade do complexo de Édipo, nos termos formulados por Freud, visto que a família nuclear, concebida em seus modos tradicionais, não existe mais no mundo atual. Este artigo propõe-se a elucidar os limites históricos dessa noção apontados por Poster (1979), na obra *Teoria Crítica da Família* e discutir a forma como o autor se apropria dessa noção para elaborar sua teoria da família.

**PALAVRAS CHAVE:** complexo de Édipo, família, teoria crítica

### INTRODUÇÃO

Há décadas, a noção freudiana do complexo de Édipo é retomada e reinterpretada pelos psicanalistas e estudiosos das ciências humanas. Considerando que cada uma das interpretações foram produzidas num contexto e para os propósitos específicos dos seus autores, pode-se afirmar que, num exame mais atento, tais interpretações reduzem-se a um aspecto em particular: o caráter universal dessa noção, como Freud a concebeu. Grosso modo, de um lado, estão os intérpretes que defendem o caráter universal do complexo de Édipo e, de outro, aqueles que criticam a pretensão de universalidade desse evento.

Sucessores de Freud, como Melanie Klein e Jacques Lacan, para citar alguns, defendem a tese da universalidade do Édipo, embora discordem das hipóteses do mito científico da horda primitiva e do parricídio originário, que Freud formulou para sustentá-la. M. Klein<sup>[1]</sup> recua o complexo de Édipo para a metade do primeiro ano de vida do bebê, ressaltando a existência de estágios pré-genitais desse complexo, além da situação edipiana propriamente dita, como descoberta por Freud, e o explica à luz das ansiedades arcaicas causadas pela pulsão de morte. Lacan (1992) argumenta pela tese da universalidade do Édipo, de um ponto de vista estrutural. Sua interpretação é fortemente marcada pela lingüística de Saussure e, particularmente, pela antropologia de Levy Strauss, centrando a sua discussão no campo da linguagem e argumentando pela tese de que, ao concebê-la assim, a teoria psicanalítica poderia ser considerada em si mesma como social, já que a própria linguagem seria considerada nesses termos. Desse modo, inaugura uma interpretação sobre a noção do complexo de Édipo, em que esta teria um caráter universal em termos estruturais, podendo ser compreendida como um evento psíquico que ocorreria com os indivíduos em todas as formas sociais, das mais primitivas à contemporânea.

De outro lado, estão os críticos dessa noção. No campo filosófico, Deleuze e Guattari

escreveram um livro cujo próprio título sugere os questionamentos à noção freudiana de complexo edípico: *O Anti-Édipo*. Nesse livro, seus autores procuram estabelecer um nexos entre o capitalismo e a esquizofrenia, retomando o inconsciente não como expressão ou representação de um outro da consciência, mas como um fluxo de desejos que, em linhas gerais, é eminentemente revolucionário, quando não interdito pelas instituições e estrutura social, nem codificado pelas pessoas ou identificado com as figuras de autoridade, que o conteriam, adaptando-o ao existente. Isto seria favorecido, ainda, pelo fato de o modo de produção capitalista ser um sistema que não permitiria ao desejo tornar-se territorializado, dada sua impessoalidade e seu caráter abstrato, não possibilitando a catexia libidinal em nenhum ponto de sua estrutura e encorajando o aparecimento da esquizofrenia. Nesse sentido, a codificação do complexo de Édipo como constitutivo do desenvolvimento psíquico do indivíduo e estruturador da personalidade, desenvolvida por Freud, teria um caráter reacionário, por atribuir uma interdição ao fluxo do desejo, no processo de identificação das crianças com os seus pais, e conceber a família como o único local onde seria territorializado. O complexo de Édipo também não seria uma lei imposta ao inconsciente para impedir a realização dos desejos incestuosos, como pensara Lacan, mas o contrário: estes últimos seriam suscitados pela lei que, em última instância, é social e, portanto, histórica. De modo oposto à interpretação lacaniana, assim, Deleuze & Guatarri (1976) consideram que esse evento psíquico só seria universal se pensado no sentido de que toda sociedade deveria reprimir sua negação: o fluxo descodificado do desejo.

Poster (1979), um representante da tradição crítica, questiona a universalidade do Édipo, porque considera que Freud, ao elaborar e difundir essa idéia, não levou em conta os determinantes sociais na formulação desse conceito. Para o autor, Freud não estabelece qualquer distinção entre estrutura social e estrutura familiar e, ao fazer isso, não considera que o padrão emocional muda conforme muda a estrutura de família, a qual é, por sua vez, determinada pela estrutura social. Em decorrência, na concepção de Poster (1979), Freud se equivoca ao projetar o padrão emocional da família nuclear burguesa para outras formas de organização familiar.

Se, de um lado, existem os intérpretes que defendem a idéia da universalidade do Édipo e, de outro, aqueles que a criticam, aqui vamos analisar uma das interpretações críticas dessa noção como concebida por Freud, que Mark Poster (1979) desenvolveu na *Teoria Crítica da Família*.

## **A TRADIÇÃO E A PERSPECTIVA CRÍTICA DE MARK POSTER**

Pode-se dizer que a tradição à qual Poster (1979, p. 63-71) pertence, praticamente, começou com os estudos de Wilhelm Reich e de Eric Fromm, os quais retomaram criticamente a teoria psicanalítica, para elucidar em que medida os fatores ideológicos, presentes na constituição psíquica do indivíduo, são determinados não apenas pela estrutura econômica, como pensado pelo marxismo soviético, mas também pela cultura e, particularmente, por mecanismos inconscientes, nos termos formulados por Freud, considerados também como responsáveis pela produção da falsa consciência. Posteriormente, a partir destas e de outras referências teóricas<sup>[2]</sup>, os teóricos da Escola de Frankfurt vão retomar a psicanálise, para desenvolver uma crítica radical da sociedade, tratando do tema do complexo de Édipo, em Freud, de modo a explicitar os mecanismos subjetivos responsáveis pela dominação social, até então desconsiderados pela tradição marxista, e formulando uma teoria crítica capaz de parametrizar a práxis revolucionária, na sociedade industrial, diante de sua crise.

A retomada da psicanálise pela teoria crítica marcou as discussões no recente campo da Psicologia Social, entre 1930 e 1960. Ali, segundo Farr (2000), elas representaram uma alternativa à psicologia do ego, formulada por Ericson, e às teorias psicossociais, elaboradas a partir da teoria dos sistemas de Talcott Parsons, porque não se furtaram a advogar uma posição política, comprometida com a transformação radical da sociedade, ou então, a denunciar os aspectos ideológicos da própria psicanálise, sem abandoná-la e tentando compreendê-la, de um ponto de vista crítico e social. Dessa maneira, ainda que não hegemonicamente, elas demarcaram a discussão sobre o papel da família na constituição psíquica do indivíduo e levaram adiante a tese da perda do sentido universal da noção freudiana do complexo de Édipo, para compreender essa constituição, em virtude do papel conservador ou autoritário da família, na sociedade industrial.

Entre os anos 1930 e 1945, Marcuse (1981) e Horkheimer (1990) foram os intelectuais da Escola de Frankfurt que mais se dedicaram ao estudo do tema da autoridade e da família. Em geral, em seus artigos sobre o assunto, relatam a história da família e o desenvolvimento dos padrões de autoridade, na sociedade capitalista, elucidando a forma como aquela atua enquanto um agente mediador da formação e da socialização das crianças e dos jovens, mas não isenta de um papel social e, principalmente, político, inclusive quando atua nas formas mais profundas da constituição psíquica do indivíduo.

A teoria psicanalítica é retomada criticamente por eles, a fim de explicitar quais são os mecanismos psíquicos, inconscientes, que alimentam a dominação social, objetiva, e que formam tipos

de caráter ou da personalidade autoritários, responsáveis por um comportamento de mera adaptação que existe por parte dos indivíduos e de mero ajustamento ao todo social. Entretanto, ao contrário da teoria psicossocial reichiana, eles não acreditam que o elo entre a constituição psíquica e a dominação social se dê, de modo simplificado, em virtude do recalque, da repressão, da sublimação ou dos processos de constituição do ego, incluindo a formação do superego, do indivíduo, em si mesmos. Ao contrário, consideram que esses processos que participam da constituição psíquica, descritos por Freud, são mesmo necessários à socialização do indivíduo, assim como a existência da civilização e da cultura. Isso porque o indivíduo necessita da repressão, para desenvolver o auto-controle necessário à civilização, da sublimação, para desfrutar dos bens culturais e amenizar o mal-estar da cultura, e do superego, para constituir seu ego, juntamente com o id, e viver em sociedade.

A problematização desses mecanismos, desenvolvida por Marcuse (1981) e Horkheimer (1990), diz respeito à forma que eles assumem na sua relação com a sociedade e, particularmente, na sociedade industrial – algo que sequer foi abordado por Freud, dados os limites de sua teoria e do contexto em que foi produzida.

Para Marcuse [197?], a repressão teria se convertido na sociedade industrial em *mais-repressão*, isto é, um quantum a mais de repressão para satisfazer, não as exigências da civilização, mas as exigências do *princípio de desempenho*, que rege a civilização atual, baseada na lógica do mercado e na dominação social. A sublimação e o prazer, suscitados por ela, teriam se transformado, respectivamente, na adaptação cega do indivíduo aos padrões culturais determinados socialmente e a uma sensação de prazer, que consiste na apropriação dos bens culturais produzidos pelo mercado, estando sujeito às novidades criadas por este último e à sua sobrevivência. O superego, por sua vez, teria se modificado à mera adaptação da pessoa às regras morais, definidas heteronomamente, e transmitida por intermédio da educação familiar, escolar, entre outras, com o propósito de garantir a obediência e a aceitação das normas, dos costumes e das crenças existentes para, a partir deles, submeter o id e constituir um ego frágil, porque sujeito aos modelos externos. Neste último caso, seria como se o complexo de Édipo nunca fosse minimamente elaborado, fazendo com que o ego submetesse seu funcionamento e sua constituição, não ao seu desenvolvimento próprio e às suas vicissitudes, experimentadas ao longo da vida, mas às regras, aos costumes, aos sentimentos e às crenças produzidas de fora e, no caso específico da sociedade industrial, submetidos ao princípio de desempenho. Tal idéia implicaria que a identificação às figuras de autoridade, os pais, os educadores, os governantes, entre outros, tomadas como um momento da elaboração do complexo edípico, teria se perpetuado na civilização atual e reproduzido a dominação numa esfera interna, subjetiva, com toda a perversidade que isso acarretaria, com o aval, ainda que inadvertidamente, daqueles que representam essas figuras no seio da família, da escola e de outras instituições.

Poster (1979, p. 74-82) procura elucidar as contradições inerentes ao pensamento da Escola de Frankfurt sobre o tema da família, considerado como mais específico ao campo das Ciências Humanas, com o intuito de formular a *Teoria Crítica da Família*. Em sua crítica à forma como retomaram a psicanálise, o autor argumenta que os frankfurtianos elaboraram um conceito sobre a família problemático, em razão do próprio conceito de emancipação utilizado por eles, definida como autonomia do indivíduo. Assim se expressa o autor: “Com essa norma individualista racionalista de autonomia, as teorias de família da Escola de Frankfurt foram incapazes de rever o conceito freudiano de família na direção de uma teoria social crítica” (POSTER, 1979, p. 75-6). Dessa maneira, cobra dos frankfurtianos uma crítica à noção freudiana de família em sua retomada da psicanálise e a elaboração de uma teoria da família à altura da teoria crítica da sociedade, confrontando o pensamento crítico elaborado por eles com o seu objeto de estudo e constatando essa ausência.

É dessa perspectiva crítica à própria tradição na qual se insere, que Poster (1979) procura elaborar a *Teoria Crítica da Família* e, em seu interior, desenvolver uma interpretação crítica sobre a noção freudiana do complexo de Édipo e a sua posição sobre o seu caráter universal, nos termos formulados por Freud.

## **A NOÇÃO FREUDIANA DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA INTERPRETAÇÃO DE POSTER**

Segundo Poster (1979), é a centralidade que a criança adquire no seio da família moderna<sup>[3]</sup> que dá o tom da diferença entre a família nuclear burguesa e a aristocrática do século XVIII, as famílias camponesas dos séculos anteriores e as famílias trabalhadoras do século XIX. Os cuidados dos adultos

dispensados à criança, tônica do lar burguês, afetaram vários comportamentos do cotidiano da família - das conversas à mesa com os filhos à constituição do espaço doméstico -, estabelecendo um meio íntimo e privado das relações familiares compartilhado apenas com os empregados ou serviçais e alguns confidentes, como o padre e o médico, que assumiam a função de reger e normatizar a vida familiar, aconselhando seus membros no campo da sexualidade, do matrimônio e da vida moral.

Segundo Poster (1979, p. 187), as relações entre as pessoas da família burguesa “eram regidas por vigorosas divisões dos papéis sexuais.” Ao marido caberia o papel de autoridade dominante sobre a família e provedor do seu sustento e, à esposa, por ser considerada menos racional e capaz, os cuidados com o lar e a criação dos filhos, com máximo grau de desvelo, caracterizando, assim, uma nova forma de amor maternal. A família burguesa, ainda segundo Poster (1979), era um microcosmo privado, um lugar das relações íntimas, afetuosas e emotivas, que propiciava a concentração do poder ilimitado, sobre as crianças, nas mãos dos pais e não mais do Estado. Desse modo, na família burguesa, nasceriam as novas maneiras de opressão de mulheres e crianças relacionadas à irrestrita autoridade parental, o profundo amor dos pais pelos filhos e a ameaça da retirada desse amor, como forma de punição, ao invés de castigos físicos.

Muito diferente da família burguesa, a aristocrática pouco valor dava à privacidade, domesticidade, ao amor romântico e aos cuidados com a criança. A vida emocional da criança não girava em torno dos pais, mas de um grande número de pessoas adultas, como observa Poster (1979, p. 202). Já as famílias camponesas do Antigo Regime não compartilham desse modelo, uma vez que sua estrutura seria a da própria comunidade em que viviam, as aldeias, não havendo separação entre os espaços público e privado, nem a constituição de um espaço íntimo. A autoridade social não estava investida no pai da casa, como revela Poster (1979, p. 186-204), mas na aldeia; algumas vezes, essa autoridade era exercida pelo pároco ou pelo senhor da terra, embora sempre prevalecessem, no cotidiano das famílias, os costumes e as tradições disseminados pela própria aldeia. Em relação às famílias da classe trabalhadora, estas só irão assemelhar-se ao modelo burguês a partir do início do século XX, embora assimilando os costumes do lar burguês muito mais como modelo ideal do que um modelo real. Isso porque, segundo Poster (1979, p. 209-14), a família da classe trabalhadora não tinha as mesmas condições materiais e o preparo espiritual, nem as condições de tempo e espaço, para corresponder ao modelo burguês, no máximo cuidando das suas condições de sobrevivência. Além disso, a necessidade de as crianças dessas camadas sociais irem cedo para o trabalho, tendo sua infância e o contato com a família encurtados, de as mulheres terem que colaborar no sustento da casa, não podendo atender às demandas afetivas de seus filhos, e de os pais terem sua figura de autoridade reduzida, impediria a formação de uma estrutura familiar do tipo da burguesa.

Ao fazer uma análise desses modelos de família Poster (1979, p. 215) conclui que nenhum deles imprimiram “a limitação da autoridade sobre os filhos aos pais, o intenso amor e desvelo dos pais pelos filhos e a tentativa sistemática pelos pais de substituírem a satisfação corporal da criança pelo amor parental”, como o fez o lar burguês e, segundo o autor, esse lar seria o responsável pela estrutura emocional do indivíduo moderno.

Embora o intento de Poster (1979), com essa análise, seja contribuir com a reconceituação da história da família priorizando o padrão emocional que cada um dos modelos desenvolveram ao longo dos séculos XVI ao XX, contribui também com uma outra interpretação da noção freudiana do complexo de Édipo, onde apresenta os limites históricos da formulação original e defende a tese do caráter não universal dessa noção nos termos formulados por Freud.

Para sustentar a sua crítica à pretensão de universalidade do complexo de Édipo freudiano, Poster (1979) argumenta que Freud não poderia ter projetado para outros modelos de família o padrão emocional da família burguesa. Para o autor, Freud desconsiderou que é o lar burguês o responsável pela configuração psíquica do indivíduo moderno, é ele quem fornece o contexto social para a análise da estrutura emocional desse indivíduo. Na interpretação de Poster (1979), o erro cometido por Freud foi não teorizar sobre a família, para constituir sua psicologia profunda, principalmente, para elaborar a noção do complexo de Édipo, entendendo que isso se deve basicamente a três limites do estudioso: “1) uma prática terapêutica na cura de um indivíduo; 2) uma compreensão errônea do indivíduo em sua relação com a sociedade; 3) um falso conceito de sociedade”. Nesse sentido, cobra de Freud um conceito e, quem sabe, uma teoria da família, apontando o reducionismo a que a teoria freudiana está submetida, qual seja, o de “que em todos os campos, os seus conceitos dominantes são a personalidade individual e a totalidade social psicanaliticamente reduzidas”.

Essa crítica revela a importância que Poster (1979) procura dar à influência dos determinantes sociais

sobre a constituição do padrão emocional da família, e que Freud, segundo o autor, teria desconsiderado. Na concepção de Poster (1979), o padrão emocional da família se modifica conforme modifica sua estrutura, que assume novas faces de acordo com o seu momento histórico. Pensando dessa maneira, Poster (1979) criticará Freud especialmente porque este projetou a configuração emocional da família nuclear burguesa para outras formas de organização familiar, dimensionando, com isso, a universalidade do complexo de Édipo. Nas palavras do autor (1979, p. 37 – grifos meus):

Há duas questões críticas que cumpre explorar: 1) É o complexo de Édipo e a estrutura psíquica resultante uma consequência desses elementos “universais” ou isso pode ser relacionado a uma estrutura familiar específica? 2) Está Freud tentando elucidar um aspecto universal da experiência psíquica com o seu conceito de Édipo ou está, de fato, explicando determinadas experiências psíquicas? Mediante a análise destas questões *pode ser demonstrado que o complexo de Édipo freudiano explica formações psíquicas que são específicas de uma limitada estrutura de família, porque ele é incapaz de conceptualizar o Édipo da perspectiva da teoria social, amplia falsamente o poder explanatório do Édipo para cobrir todas as situações e, por conseguinte, desfigura um conceito crítico ao convertê-lo em conceito ideológico.*

Diante dessas críticas, Poster (1979) desenvolverá os seus argumentos sobre os limites históricos da noção freudiana do complexo de Édipo, chamando a atenção particularmente para o fato de que o conflito edípico é um evento emocional típico do modelo de estrutura da família burguesa, porque somente no lar burguês se viu explícita e profunda relação entre autoridade e amor. Nesse sentido, diz Poster (1979, p. 45): “longe de ser uma lei geral, o Édipo é a lei especial da psique moderna, está vinculado à família nuclear.”

## **O EVENTO EDÍPICO COMO PRODUTO DA FAMÍLIA NUCLEAR BURGUESA, SEGUNDO MARK POSTER**

De acordo com Poster (1979, p. 194-95),

[...] os atributos da família burguesa eram, para a criança, as condições para o desenvolvimento do tipo de estrutura psíquica que Freud foi o primeiro a enunciar de forma sistematizada. A especificidade de sua noção do complexo de Édipo só se torna verdadeiramente inteligível quando vista em função da estrutura familiar acima descrita em linhas gerais. Ser colhido numa dinâmica emocional (para meninos) de amor pela mãe e ressentimento pela interferência do pai, de resolução desse ressentimento mediante o desenvolvimento da necessidade inconsciente de imitar o pai e encontrar uma substituta para a mãe, tudo isso num nível profundo de uma autoridade internalizada, foi a consequência especial da família burguesa

Na dinâmica da família burguesa, relata Poster (1979, p. 193-4), o pai que representa a figura de autoridade, inconscientemente, gera nos seus filhos sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Esse ódio seria fruto de uma reação ao cerceamento imposto pela autoridade a um prazer imediato, geralmente genital, produzindo um conflito interno, na medida em que a criança não suportaria a idéia de odiar alguém que a ama e a quem tanto ama. O resultado desse conflito seria a internalização do padrão de regras – o superego – que resumiria a sua relação de autoridade-amor com os pais. Assim, segundo o autor, a família burguesa teria gerado um indivíduo autônomo, “um cidadão moderno que não necessitava de sanções ou apoios externos, mas estava automotivado para enfrentar um mundo competitivo, tomar decisões independentes e bater-se pela aquisição de capital.” Além dos sentimentos ambivalentes da criança e sua presença num contexto de amor e autoridade, para explicar esse nível de individualização, as fontes de identificação deveriam ser consideradas, já que a família burguesa teria restringido os modelos de identificação para as crianças, ao circunscrevê-la ao espaço privado, sendo os pais as únicas pessoas adultas a servirem de referências para seus filhos, fornecendo valores e diretrizes positivas, para a vida subsequente. Reduzidas as fontes de identificação, as figuras do pai e da mãe, a criança passaria a depender dos pais num grau extremo, em virtude do confinamento a que a família burguesa se submeteu.

Caracterizada segundo esse modelo, a família nuclear privatizada seria a principal fonte estruturante do complexo de Édipo, de acordo com Poster (1979), para quem só ela contém, na sua organização, uma complexa combinação entre autoridade e amor parental, que poderia gerar nos

indivíduos o tipo de estrutura psíquica que Freud anunciou. Nesse sentido, a situação edipiana e o complexo de castração só adquiririam significado, se associados à profunda repressão sexual instituída no lar burguês vitoriano. Nas palavras de Poster (1979, p. 28), “a ansiedade da criança de perder a mãe e o pênis não é uma fantasia natural do desenvolvimento da sexualidade humana, mas tão somente típica da família burguesa.” O autor entende que Freud não pôde ver que a sexualidade é, antes, um problema dos pais, e as fantasias infantis, produtos das suas ações e comunicações. Nas suas palavras:

Não existe sexualidade *natural*, não existem estágios *naturais* de fantasia sexual; a sexualidade é definida para a criança através de suas interações com os pais, que são os agentes inconscientes de sua classe, sociedade e economia emocional.[...].Por não ter analisado o erotismo dos pais, Freud é incapaz de explicar os fenômenos psíquicos através de suas dimensões propriamente sociais (grifos do autor). (POSTER, 1979, p. 28)

A interpretação crítica que Poster (1979) desenvolve, a respeito da noção freudiana do complexo de Édipo, procura denunciar os limites de Freud em não considerar os determinantes sociais, como fatores importantes na elaboração de uma psicologia profunda e, principalmente, na sua dificuldade em compreender que a família nuclear privatizada do século XIX foi a responsável por oferecer o contexto social que influenciou a estruturação emocional do indivíduo moderno; esses limites teriam acarretado uma equivocada formulação da noção do complexo de Édipo, em termos universais.

Mas, os efeitos teóricos do Édipo não param aí. Na concepção de Poster (1979, p. 44), eles não só mascaram a psique burguesa, como servem de referência para Freud fornecer uma “explicação fantasiosa” da origem da sociedade moderna. Ao fazer referência à obra *Totem e Tabu*, escrita por Freud entre os anos 1911 e 1913, Poster (1979) argumenta que Freud teria tentado explicar o nascimento da sociedade através de sua compreensão mitológica acerca do Édipo e da projeção do que entendeu como complexo sobre a origem social. Com isso, o autor entende que Freud, ao querer conferir uma base histórica e social ao Édipo, acaba por afastar-se de uma análise histórico-social.

Assim, Poster (1979) se contrapõe à forma como o complexo de Édipo foi formulada por Freud, assinalando que o seu erro foi caracterizá-la como universal, sem considerar os determinantes sociais que influenciam nas mudanças das estruturas de família e, em consequência, no seu padrão emocional. Nesse sentido, retoma a dialética das relações entre família e sociedade, entendendo a família como aquela que assume um papel mediador entre a sociedade e o indivíduo, nos termos postulados pela tradição crítica.

Contudo, para tratar dos diferentes níveis - a saber, o psicológico, da relação família e sociedade e cotidiano -, que envolvem essa mediação, Poster (1979) considera insuficientes os pressupostos biologicistas da psicanálise freudiana e, em especial, a assunção destes pela tradição freudo-marxista das teorias psicossociais e pela tradição crítica, desenvolvida pelos frankfurtianos, na medida em que assumem a noção freudiana do complexo de Édipo para explicar a constituição psíquica do indivíduo, na contemporaneidade. Assim sendo, o autor procura desenvolver uma interpretação crítica e original acerca do complexo de Édipo, retomando a psicanálise freudiana, particularmente algumas categorias, para compreender o nível psicológico da estrutura familiar e compreendê-lo, por intermédio da perspectiva dialética das relações entre família e sociedade e sociedade e indivíduo. Com isso, a *Teoria Crítica da Família* procura compreender a estrutura da família em sua historicidade e em conformidade com os determinantes sociais, aos quais essa instituição está submetida, fornecendo elementos teóricos para as pesquisas sobre o tema, em seus diferentes níveis, no campo das Ciências Sociais e da historiografia social. Esse é o propósito da *Teoria Crítica da Família*, à luz da revisão crítica e da perspectiva teórica assumida pelo seu autor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.W. E HORKHEIMER, M. *Sociológica*. Madrid: Taurus Ediciones, 1986.
- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- DELEUZE & GUATARRI. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FARR, R. M. *As raízes da psicologia social moderna (1872-1954)*. 3. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- FROMM, E. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 10.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- HORKHEIMER, M. *Teoria Crítica: uma documentação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990. (Coleção estudos, 77)
- KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos (1935). In: *Obras*

*completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro:Imago, 1996, v.1.

\_\_\_\_\_. O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos (1940). In: *Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro:Imago, 1996, v.1.

\_\_\_\_\_. O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas (1945). In: *Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro:Imago, 1996, v.1.

LACAN, J. *O Seminário: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, livro 17.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8.ed. [S.l]: Guanabara Koogan, [197?].

\_\_\_\_\_. *Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

POSTER, M. *Teoria Crítica da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

REICH, W. *Psicologia de massa do facismo*. Porto: Escorpião, 1974.

---

[1] Mais detalhes a respeito da noção do complexo de Édipo pode ser encontrada em Klein (1935,1940,1945).

[2] Adorno e Horkheimer (1986), por exemplo, recorrem, além de a Freud, Marx, Schopenhauer, Nietzsche e Sade; Marcuse (1981), a Schiller.

[3] O sentimento de infância como uma produção da família moderna é amplamente discutido por Ariès, em *História Social da Criança e da Família* (Rio de Janeiro, 1981).

---